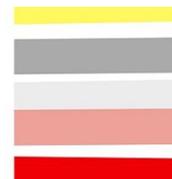




AFLUENTE:  
REVISTA DE LETRAS E LINGUÍSTICA



IMAGENS SOBRE O NEGRO/BALDO EM JUBIABÁ:  
REFLEXÕES EM RETROSPECTIVA

*IMAGES ABOUT THE BLACK PEOPLE/BALDO IN JUBIABÁ:  
REFLECTIONS IN RETROSPECTIVE*

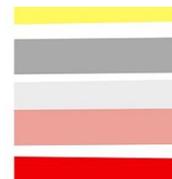
Prof. Dr. Derneval Andrade Ferreira  
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia  
derneval.f@hotmail.com

Prof. Dr. Adelino Pereira dos Santos  
Universidade do Estado da Bahia  
adesantos@uneb.br

**Resumo:** Neste trabalho, toma-se o romance *Jubiabá* (2005), do escritor Jorge Amado, como objeto de análise crítica e literária a partir do questionamento sobre o lugar do negro e sobre a construção de imagens acerca da cultura ao longo da narrativa. Considerando-se a obra de ficção como um recurso para discutir questões raciais no Brasil, não se pensou apenas em um estudo que ultrapassasse o texto para descobrir sentidos na outra margem, mas também foram buscadas, na superfície textual do romance, as formas como este produz sentidos e imagens a respeito da figura do negro no espaço da cultura baiana. Como resultado da análise, conclui-se que os romances de Jorge Amado, a exemplo de *Jubiabá* (2005), objeto de discussão neste trabalho, podem até ser considerados meios de preservação da cultura da Bahia, mas podem ser igualmente elementos que reforçam o discurso mantenedor de uma visão estereotipada, revelando ambiguidades e preconceitos dispensados a negros e mulatos. Uma primeira versão deste texto foi elaborada como capítulo de uma dissertação de Mestrado, defendida em 2007, em Cultura, Memória e Desenvolvimento Regional de um dos autores deste ensaio. Apesar da relativa distância no tempo, o atual contexto de luta e as divisões ideológicas nos cenários político e cultural do Brasil contemporâneo justificam e atualizam as reflexões aqui empreendidas, já que o texto literário pode ser lugar privilegiado de construção de sentidos e, portanto, de difusão de ideologias.

**Palavras-chave:** Jorge Amado; *Jubiabá*; Cultura negra; Estereótipos.

**Abstract:** In this work, the novel *Jubiabá* (2005), by the writer Jorge Amado, is taken as an object of critical literary analysis based on the questioning about the place of the black people and about the construction of images about the culture throughout the narrative. Considering the work of fiction as a resource for discussing racial issues in Brazil, we did not think only of a study that goes beyond the text to discover meanings on the other side, but also sought on the textual surface of the novel the forms that make it possible to produce meanings and images about the figure of the black people in the space of Bahian culture. As a result of the analysis, it can be concluded that Jorge Amado's novels, such as *Jubiabá* (2005), which is the subject of discussion in this work, may even be considered as means of preserving Bahia's culture, but may also be elements that reinforce the discourse that sustains a stereotyped vision, revealing ambiguities and prejudices imparted to blacks and mulattos. A first version of this text was elaborated as a chapter of the Master's thesis on Culture, Memory and Regional Development of one of the authors of this essay, defended in 2007. Despite the relative distance in time, the current context of struggle and ideological divisions in the political and cultural scenarios of contemporary Brazil justifies the updating of the reflections undertaken here, since the literary text can be a privileged place for the construction of meanings and, therefore, the diffusion of ideologies.



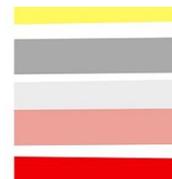
**Keywords:** *Jorge Amado; Jubiabá; Black people's culture; Stereotypes.*

## 1. Introdução

A literatura, dentre outras funções, tem um papel importante na reprodução de ideias e pensamentos. Por isso, quando possibilita a criação de imagens de determinada categoria social, ela confere, muitas vezes, uma visão que facilmente se sacraliza como verdadeira. Em relação ao negro, processos reais e realidades concretas pós-abolicionistas são relegadas ou minimizadas em função de uma visão que veicula os desejos e os anseios das classes dominantes. Assim, o processo histórico e cultural, o cotidiano e as experiências das classes subalternas, como o que ocorre com o negro, são omitidos em muitas ficções, vazando apenas uma imagem de democracia racial, que nada mais é do que um elemento separatista e mitológico, que gira em torno de um branqueamento mental e físico dos indivíduos.

Dessa forma, muitas ficções tendem a inferiorizar e a desumanizar o negro, descrevendo-o de forma caricaturesca, estereotipada, preconceituosa e, muitas vezes, associando-o a seres destrutivos, animais ou torpes. Tomando o texto ficcional como um recurso para discutir questões raciais no Brasil, considera-se, aqui, a obra *Jubiabá* (2005), do escritor baiano Jorge Amado, como objeto de reflexão, objetivo deste trabalho. Ao se propor uma análise dessa obra, não se pensou apenas em um estudo que ultrapasse o texto para descobrir sentidos na outra margem, mas também foram buscadas, na superfície textual do romance, formas como este produz sentidos e imagens acerca da figura do negro no espaço da cultura baiana. Por isso, pretende-se, neste trabalho, examinar as imagens criadas pelo escritor Jorge Amado e atribuídas ao negro, questionando se elas revelam preconceito em relação à raça negra, conforme análises e reflexões desenvolvidas nas duas próximas seções.

Uma primeira versão deste texto foi elaborada como capítulo de análise crítica e literária de uma dissertação de Mestrado, defendida em 2007, em Cultura, Memória e Desenvolvimento Regional de um dos autores deste ensaio. Apesar da relativa distância no tempo, o atual contexto de luta e as divisões ideológicas nos cenários político e cultural do Brasil contemporâneo justificam e atualizam as reflexões aqui



empreendidas, já que o texto literário pode ser também lugar privilegiado de construção de sentidos e, portanto, de difusão de ideologias.

## 2. *Jubiabá* e a criação de imagens sobre o negro

Jorge Amado abre a página inicial de *Jubiabá* (2005) fazendo referência à figura negra do personagem principal, Antônio Balduíno, em uma luta de boxe, na qual foi idolatrado pelos companheiros que o assistiam porque mostrava uma verdadeira fúria pela vitória:

O negro investiu com fúria e os lutadores se atacaram em meio ao tablado. A multidão berrava:  
- Derruba ele! Derruba ele!  
Pretos, brancos e mulatos torciam todos pelo negro Antônio Balduíno que já derrubara o adversário duas vezes (AMADO, 2005, p. 3-4).

A arritmia do primeiro capítulo estende-se com uma sucessão de golpes que Antônio Balduíno incide no campeão da Europa Central, representado pela figura de Ergin, um alemão. Em meio a gritos e vibrações, Baldo é erguido campeão.

Em *Jubiabá* (2005), Jorge Amado quebra a linearidade textual, algo não inédito na literatura brasileira, muito embora isso tivesse o propósito de alargar as temáticas literárias ao tentar elevar a figura do negro, trazendo a luta de boxe para o primeiro capítulo do romance. Baldo vence não somente um branco, mas, sobretudo, um campeão da Europa Central, o alemão Ergin. Esse episódio sinaliza aquilo que muitos modernistas almejavam, inclusive Jorge Amado, que era revelar a fragilidade da supremacia europeia, a precariedade dos valores burgueses e a falência de uma ideologia positivista, surgida na Europa e disseminada no Brasil.

Percebe-se ainda que o propósito do escritor baiano, ao fragmentar o texto, foi causar um efeito na perspectiva da leitura, o que induz o leitor a apreender uma gama enorme de construções de significados. O autor, ao tentar positivar o negro, torna o romance um objeto vital para uma análise reflexiva e literária sobre a cultura baiana, a expressividade da força afro-brasileira e o tratamento dado ao negro na literatura, possibilitando reflexões relativas à cor e à classe social.

O próprio romance *Jubiabá* (2005) funciona como um elemento desencadeador de imagens sobre o negro, o que contribui para a formação de outras visibilidades e

divisibilidades no complexo cultural da Bahia. O projeto artístico do autor ao desejar evidenciar a cultura africana revelou traços significativos para a construção de um discurso preconceituoso. O negro vence o campeão da Europa Central por ser valente, fato este que evidencia coragem, atribuindo-lhe um papel ativo, contrário ao que ocorreu no período da escravidão. No entanto, é necessário frisar que essa valentia é recoberta por um aspecto físico que estereotipa a figura do negro. Apesar de apontar uma vitória, sinal de heroísmo, o texto limita-se a conferir, ao negro, uma identidade circunscrita aos âmbitos físico e corpóreo. Subentende-se, portanto, “negro”, “negro forte”, “negro valente”.

Talvez um dos grandes debates na literatura amadiana seja a constituição de seus personagens, o que trai, muitas vezes, a ideologia do autor. São criados determinados seres que se inserem no imaginário dos leitores como representantes do cenário baiano numa tentativa de esgotar a real representatividade da população. Isso é perigoso quando se propõe definir a construção do outro a partir de criações imaginárias que eclodem uma visão estereotipada. Balduíno, por exemplo, não pode ser a cara da Bahia, uma vez que modelos imagísticos de valentia, coragem e força física não resumem a construção dos indivíduos que formam esse estado brasileiro.

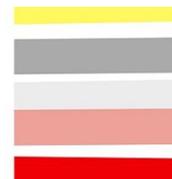
Após realizar o deslocamento quase que em *flashback* da vida de Antônio Balduíno, o autor põe a responsabilidade linear nas mãos do narrador, para que este conduza os fatos em sequência gradual: da infância à idade adulta. Inicialmente, o Morro do Capa Negro representava, para o menino de oito anos de idade, um lugar de liberdade e de riqueza espiritual, e uma fonte que alimentava o negro de forças inimagináveis:

Apesar dos seus oito anos, Antônio Balduíno já chefiava as quadrilhas de molecotes que vagabundavam pelo Morro do Capa Negro e morros adjacentes. Porém de noite não havia brinquedo que o arrancasse da contemplação das luzes que se acendiam na cidade tão próxima e tão longínqua (AMADO, 2005, p. 7-8).

Cedo chefiou os demais garotos do morro, mesmo os bem mais velhos do que ele. Era imaginoso e tinha coragem como nenhum. Sua mão era certa na pontaria do badoque e seus olhos faiscavam nas brigas. Brincavam de quadrilhas. Era sempre o chefe. E muitas vezes se esquecia que estava brincando e brigava seriamente. Sabia todos os nomes e os repetia a todo momento (AMADO, 2005, p. 10-11).



## AFLUENTE: REVISTA DE LETRAS E LINGUÍSTICA

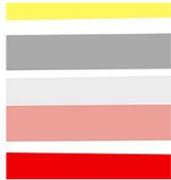


Observa-se que o narrador possibilita a leitura de duas vertentes. Imagina-se o espírito de liderança do menino desde a infância, comandando seus amigos no Morro do Capa Negro, e, ao mesmo tempo, emprega termos como “quadrilha” e “vagabundagem”, os quais, por vezes, estigmatizam o próprio personagem. O termo “vagabundagem” comporta uma condenação moral, advinda do fato de se estar fora do domínio familiar e produtivo. Além disso, expressa seres errantes e sem moradia fixa, verdadeiramente itinerantes e ociosos, considerados ameaçadores à estabilidade social.

Em relação ao Morro do Capa Negro, apesar de Jorge Amado criar um espaço onde todos andavam soltos, livres e inspirados pela liberdade, o cenário que é descrito refere-se a uma intensa massificação, com condições de vida precárias e subumanas, numa síntese das condições pós-abolicionistas no Brasil:

A vida no morro do Capa-Negro era difícil e dura. Aqueles homens todos trabalhavam muito, alguns nos cais, carregando e descarregando navios ou conduzindo malas de viajantes, outros em fábricas distantes e em ofícios pobres: sapateiro, alfaiate, barbeiro. Negras vendiam arroz-doce, mungunzá, sarapatel, acarajé, nas ruas tortuosas da cidade, negras lavavam roupa, negras eram cozinheiras em casas ricas dos bairros chiques. Muitos dos garotos trabalhavam também. Eram engraxates, levavam recados, vendiam jornais. Alguns iam para casas bonitas e eram crias de famílias de dinheiro. Os mais se estendiam pelas ladeiras do morro em brigas, correrias, brincadeiras. Esses eram os mais novinhos. Já sabiam do seu destino desde cedo: cresceriam e iriam para o cais onde ficariam curvos sob o peso dos sacos cheios de cacau, ou ganhariam a vida nas fábricas enormes. E não se revoltavam porque desde já há muitos anos vinha sendo assim: os meninos das ruas bonitas e arborizadas iam ser médicos, advogados, engenheiros, comerciantes, homens ricos. E eles iam ser criados destes homens. Para isso é que existia o morro e os moradores do morro (AMADO, 2005, p. 25).

Percebe-se a construção de imagens alienadoras, o que coloca o trabalhador frente ao mundo e à ordem capitalista. Além disso, há também presenças fortes de posturas deterministas, as quais colocam o homem como fruto direto do meio em que vive. Não se sabe se o autor intencionou revelar a disparidade social da época, fazendo um recorte espacial do morro e mostrando o comportamento de uma sociedade herdeira do determinismo do final do século XIX, proclamadora do discurso colonialista, que produzia e alimentava um sentimento diaspórico e uma proliferação das diferenças, ou se o cenário foi descrito sob o protesto da necessidade de se fazer uma revolução entre ricos e pobres, o morro e a cidade, negros e brancos.



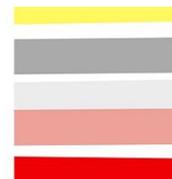
## AFLUENTE: REVISTA DE LETRAS E LINGUÍSTICA

Em *Jubiabá* (2005), pode-se contemplar a concretização de um discurso subversivo que clama por transformação social, como também pode ser visto como um retrato pacífico, reproduzidor da ordem vigente. É também neste jogo simétrico que as imagens de Balduíno são construídas. Na montagem das representações do personagem, Jorge Amado lança mão da figura de Zé Camarão. Um personagem que, segundo o narrador, era um desordeiro que vivia sem trabalhar e já havia sido fichado pela polícia como malandro.

Zé Camarão tinha duas grandes virtudes para Antônio Balduíno: era valente e cantava histórias de cangaceiros célebres, além disso, era seu professor de capoeira e de violão. Com ele, Antônio Balduíno aprendeu os melhores golpes de defesa da arte e da dança africanas. Nota-se que são atribuídas qualidades ao negro quando são construídas adjetivações depreciativas a um dos melhores amigos de Baldo. Zé Camarão é aquele que conhece a cultura africana, luta capoeira como ninguém e se torna mestre de Balduíno nessa arte, mas é fichado pela polícia, ou seja, é um agenciador de perigo à ordem social. Observa-se o antagonismo presente na relação entre o reconhecimento da importância de elementos da cultura africana e o tratamento dado ao representante dessa cultura.

Figura quase lendária e de forte representação na vida de Balduíno, foi o Pai de Santo Jubiabá. Segundo o narrador, através de Jubiabá, Baldo incorporou respeito, verdade, coragem e, sobretudo, liberdade. Jubiabá era um conhecedor do mundo e tinha autoridade soberana no Morro do Capa Negro. Suas histórias fascinavam as crianças e seu poder de cura atraía gente de muitos lugares. Balduíno admirava a liderança de Jubiabá e, por isso, transformava essa figura centenária em eixo norteador de suas ações e em verdadeiro ícone de devaneio, sobriedade e referência na construção de suas imagens.

Como se pode perceber, as imagens de Baldo não são definidas desvinculadas de um contexto. Há, na verdade, uma rede de articulações criadas pelo autor através da movimentação de outros personagens que, aos poucos, são incorporados ao universo social, cultural e identitário de Baldo. Não se pode conceber a leitura de *Jubiabá* (2005) apenas pelos eixos polares de morro x cidade, do binarismo menino/criança x adulto e da dicotomia malandro x trabalhador porque esse tipo de leitura sinaliza um processo de



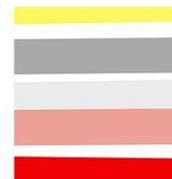
exclusão e, conseqüentemente, poderiam ser perdidos sinais importantes e até determinantes para a compreensão da obra.

Tais sinais poderiam minimizar a movimentação e a problematização propostas pelo autor ao leitor mais avisado. Então, entender a construção de imagens de Baldo significa examinar e reexaminar uma série de elementos em plano horizontal, conjuntivo e intertextual, evidentes em todo o trajeto realizado pelo personagem. Por isso, entender o homem adulto e líder de movimento operário implica mergulhar em seu universo pueril para analisá-lo sob as nuances desse período como uma alavanca de futuras construções. Portanto, é preciso estabelecer as intersecções entre as possíveis dimensões – morro/ cidade, negro/branco, menino/ adulto – que aparecem no romance, a fim de que se possa ter uma visão multidimensional da obra.

### **3. A construção da estereotipia em *Jubiabá***

A partir dos dezoito anos, com aspectos físicos bem definidos, o narrador projeta uma nova fase para o protagonista. Ser boxeador sinalizava mais uma forma de criar imagens para o negro Antônio Balduíno e mostrar a sua força física, alcançando sucesso, além de estampar aspectos da cultura afro-brasileira, como a luta da capoeira. Com a sua inserção no mundo do boxe, ele passou a ser chamado de “Baldo, o negro!”. Não estava em jogo apenas a sua força física, mas também a sua fama e a sua repercussão, projetando-o cada vez mais. Assim, “Os jornais publicaram o retrato de Antônio Balduíno novamente e um vendeu muito porque trouxe a sua biografia. Foi assim que descobriram que eram feitos por ele os sambas do poeta Anísio Pereira” (AMADO, 2005, p. 111).

Através das lutas de boxe, Baldo obteve uma progressão significativa. No entanto, a referência restringe-se tão só à valorização dos aspectos corporais. Passou de malandro, figura comumente sem projeção, para o palco de noticiários de jornais. Além de ganhar visibilidade na imprensa, teve também enorme repercussão em diversas camadas da sociedade. Por meio da publicação de sua biografia, soube-se que “Baldo, o negro” era o autor dos sambas do poeta Anísio Pereira, os quais repercutiam em toda a cidade. Esse fato provocou escândalos nos meios sociais e literários.



Novamente, questiona-se o tratamento dado a Antônio Balduino pelo escritor Jorge Amado. Não se advoga, em momento nenhum, a capacidade intelectual do negro. Atribui-se evidência ao negro pelo seu porte físico, condição esta questionável, pois o empurra para o duelo entre brancos x negros, não como disputa que perpassa a questão social, mas como condição estereotipada de que “ser negro” é ser forte.

Outro estereótipo atribuído a Baldo é o seu vigoroso apetite sexual. Ele amava as mulheres ali mesmo no areal, sem nenhum limite e sem nenhuma censura, com sensualidade invejável. Na verdade, o narrador imputa uma série de atributos a Baldo, como ser risonho, vitorioso, sexual e desejoso; marcas estas que compõem a imagem do negro livre, sensual e corajoso.

Dessa forma, criam-se imagens preconcebidas de Antônio Balduino, sendo presumidamente partilhadas por todos os membros de uma categoria social. No caso de Baldo, aspectos distintivos como força, erotismo, sensualidade e vigor são tomados como marcas relacionadas ao universo do negro, o que, inconscientemente ou conscientemente, transformam-se em verdadeiros emblemas. Por isso, quando a primeira impressão sobre uma pessoa é orientada por um estereótipo, tende-se a deduzir coisas sobre ela de maneira seletiva ou imprecisa, perpetuando, assim, o estereótipo inicial.

A forma como estereótipos sexuais e raciais se compactuam para determinar uma edificação do outro no recorte colonial precisa ser refletida, segundo Homi Bhabha (1992), não em marcos de positividade ou negatividade, mas como um norte para a compreensão de “processos de subjetividade, tornando possíveis por meio do discurso estereótipo”. Para esse autor, a formação do outro colonial se sustenta no desenvolvimento de diferenças raciais e sexuais por meio de estereótipos.

Portanto, pode-se pensar que um discurso complexo se firma na definição da identidade do povo baiano, imaginado como fonte da autenticidade e, simultaneamente, construído como um outro colonial pelas imagens criadas pelo branco dominante. Assim, a posição da mulher, por exemplo, é similar à do negro na medida em que, assim como este, ela não é sujeito, mas objeto de discurso. Mulheres, meninos, negros e mestiços formam o cenário típico e visível do povo baiano, tal como se constitui em diversas representações.



## AFLUENTE: REVISTA DE LETRAS E LINGUÍSTICA

As dificuldades enfrentadas por Baldo, principalmente durante a fuga, quando ele tenta matar Zequinha com um punhal, e a sua peregrinação no mato adentro são similares à fuga dos negros na época escravista. O cenário descrito fornece pistas que alimentam a premissa levantada sobre a figura do personagem. Ele vence Zequinha e, na fuga, a mata, os desafios impostos, o caminho íngreme e as reminiscências constituem-se em artifícios utilizados pelo autor para evidenciar a força física do personagem e aclarar o seu atributo de tomada de consciência, principalmente quando Balduíno relembra as condições desumanas dos trabalhadores nas plantações de fumo na região do Recôncavo Baiano.

Dessa forma, o texto literário oferece uma gama de sinais que nutre a imaginação do leitor, permitindo, assim, múltiplas possibilidades de leitura. Jorge Amado é autor de uma literatura inigualável e construtora diplomática de personagens fantásticos, altamente discutidos nas convergências e nas divergências dos discursos acadêmicos que possibilitam a sua exploração no âmbito linguístico-pragmático e no esteio político, social, étnico e religioso. Em *Jubiabá* (2005), as imagens de Antônio Balduíno correspondem a todo um conjunto de ações e reações vivenciadas e experimentadas pelo protagonista em todo o seu trajeto de vida. Isto significa que, para entender o homem Balduíno, é preciso entender a sua infância no Morro do Capa Negro, as suas aventuras, as suas lutas e a sua política ascendente, contadas e cantadas em seu ABC, como um livro de sua vida.

O ABC de Antônio Balduíno representaria as suas histórias, as suas aventuras, as brincadeiras de rua, os arroubos amorosos, as lutas espetaculares e o seu encanto pelo mar. Representaria também as relações sexuais arrojadas e, enfim, a história do menino que temia o Pai de Santo Jubiabá, mas que o tinha como uma grande fonte de aprendizado. Balduíno, quando criança, conheceu as agruras da vida enquanto ajudava a sua tia a vender mingau no Terreiro de Jesus e no Largo da Sé, mas sonhava, como toda criança, em crescer e tornar-se um adulto notável, livre, alegre, brigão e valente. Queria ser um herói que tivesse a sua própria história, através de um ABC, alçada às mãos de leitores do mundo inteiro.

A relação familiar de Balduíno restringia-se à figura de sua tia Luíza, que fora seu pai e sua mãe. Apesar de ser uma criança “impossível”, designação dada pela própria tia, ele a tinha como um porto seguro e a respeitava como uma divindade. No

decorrer da narrativa, alguns personagens são apresentados com a função de alargar as imagens de outros através de um cruzamento nos planos das ações. A intersecção que há no universo vivido pelos personagens possibilita a criação imagética, responsável ou não pela legitimação do autor, do texto e, por último, do leitor. Dessa forma, ao leitor são permitidos possibilidades e caminhos de construção para o deciframento dos personagens.

Na narrativa de *Jubiabá* (2005), por exemplo, os enlaces envolvendo Antônio Balduíno, personagem principal, com os demais agenciadores serão o fio condutor para a revelação das imagens do protagonista, sua visibilidade ou divisibilidade e seu papel na narrativa. O sonho de Balduíno era se tornar um herói, cuja referência, desde a infância, era a figura paterna, embora ele não tivesse conhecido o pai. O personagem protagonista idealizado por Jorge Amado, filho de mãe (quase) escrava e de pai subversivo, desejava tudo, menos entregar-se à escravidão, isto porque o seu lema sempre fora a liberdade encontrada nas ruas, nas luzes da cidade, na vida pacífica do Morro do Capa Negro, na rebeldia malandra, na chefia de seu grupo e, por último, na militância política.

Quanto ao seu pai, Valentim, na mocidade, foi jagunço de Antônio Conselheiro e amante de muitas mulheres, bebia demasiadamente e morreu debaixo de um bonde em dia de farra grossa. Aquele nome, “Valentim”, soava para Baldo como um significado próximo a “valente” e, assim, a inspiração pessoal de ser um homem resistente era, sem dúvida, advinda de seu próprio pai:

Antônio Balduíno ouvia calado e fazia do pai um herói. Com certeza vivera a vida da cidade na hora em que as luzes se acendiam. [...] Ficava olhando o fogo, imaginando como seria seu pai. Tudo que ouvia contar de grande e rocambolesco julgava logo que o pai fizera a mesma coisa ou coisa maior. Quando ele e os outros negros do morro iam brincar de quadrilha, e o interrogavam sobre quem queria ser, ele que não fora ainda ao cinema, não queria ser Eddie Pólo, nem Elmo, nem Maciste.

- Quero ser meu pai...

Os outros faziam pouco:

- O que foi que teu pai fez?

- Muita coisa...

- Ele não suspendeu um automóvel com um braço só, como Maciste...

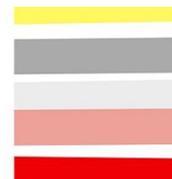
- Ele suspendeu um caminhão...

- Um caminhão?

- Quem foi que viu, Baldo?



## AFLUENTE: REVISTA DE LETRAS E LINGUÍSTICA

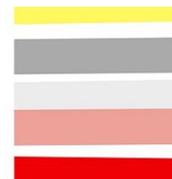


- Minha tia viu... Pergunte a ela. E se não gostou diga ou dê seu jeito...  
(AMADO, 2005, p. 10).

Por mais que Jorge Amado tentasse dar visibilidade a Antônio Balduino, atribuindo-lhe destaques em algumas passagens da narrativa, o discurso do autor revela imagens de um personagem perigoso, valente, agitado, insubordinado e vagabundo. A narrativa de *Jubiabá* (2005) é tramada a partir da construção de uma série de imagens não do negro em sua concretude e marginalizado devido ao processo de modernização, mas do negro ora agressivo, altamente forte e capaz de vencer o branco pela força física, ora representante de uma relação marcada por subserviência e docilidade. Assim, diversos estereótipos marcam a narrativa, confirmando discursos que, muitas vezes, sacralizam-se e são tomados como reais.

Outra característica presente em *Jubiabá* (2005) relativa à construção das imagens do negro é a constante referência à “raça” definidora das personagens. Assim, invariavelmente, os nomes dos personagens negros são substituídos por expressões como: “o negro”, “a negra” e “o preto velho”. Antônio Balduino é conhecido, na narrativa, como “o negro valente”, Rosenda Rosendá é conhecida como “a negra” ou “a negra ferosa e sensual” e o Pai de Santo Jubiabá é denominado como “o preto velho”. Essas construções podem ser observadas ao longo do romance, o que confirma, por conseguinte, preconceitos que subjagam o “ser negro”, fato este que permite que os próprios personagens introjetem ideias negativas de si mesmos e de sua raça no imaginário coletivo.

Em relação à figura do pai de Antônio Balduino, ela não é fruto de uma convivência familiar nem dos ensinamentos sistemáticos de pai para filho nem, tampouco, de uma memória concreta. Ela se apresenta a Baldo em um plano ideológico e utópico, mas com forte conotação de possíveis realidades futuramente vividas pelo personagem. Esse modelo de comportamento, próximo a padrões romanescos, vai sendo exercitado, paulatinamente, pelo filho, que ainda evoca os feitos da imagem ontológica de Zumbi dos Palmares e dos cangaceiros nordestinos. Além disso, torna-se presente no comando de seu grupo de rua, nas lutas de boxe, nas apresentações do circo e, posteriormente, na luta operária.



#### 4. Considerações finais

A figura do “herói” de *Jubiabá* (2005) corresponde ao negro estereotipado. Antônio Balduino parece ser comandado pelo instinto em alguns momentos da narrativa e os seus desejos materiais são submersos, aflorando apenas as suas expressividade, vitalidade, espontaneidade e libido. Seu incontrolável instinto não se inclina para o dinheiro, mas, sobretudo, para a realização de suas experiências sexuais sem as quais ele não consegue viver. Essas experiências são tão fortes que Balduino procura, no decorrer da narrativa, parceiros tão decisivos e conhecedores do sexo quanto ele, como o exemplo de Rosenda Rosendá, mulata sensual, cuja caracterização se equipara àquilo que Antônio Balduino deseja sexualmente.

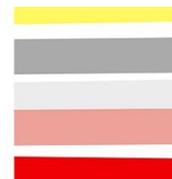
Por mais que Jorge Amado fizesse menção à cultura afrodescendente, abordando temas relativos ao povo negro, a construção de muitos personagens mostra-se paradoxal. Rosenda Rosendá é aquela que nasce para ser coadjuvante na progressão de Antônio Balduino em alguns momentos da narrativa. No entanto, a sua descrição é revestida por uma imagem estereotipada de mulher exótica, lasciva e sedutora. Este tipo de estereótipo foi construído no período precedente à abolição, com o intuito de colocar a mulher negra como a causadora da dissolução da família e da corrupção moral dos brancos. No período pós-abolição, esse discurso ainda permeou a sociedade brasileira, coisificando o negro, tal qual a figura imponente e contraditória de Antônio Balduino.

Conclui-se, assim, que os romances de Jorge Amado, a exemplo de *Jubiabá* (2005), objeto de discussão neste trabalho, podem até ser considerados meios de preservação da cultura baiana, mas podem ser também elementos que reforçam o discurso mantenedor de uma visão estereotipada, o que revela ambiguidades e preconceitos dispensados aos negros e aos mulatos.

Nas linhas de *Jubiabá* (2005), o narrador dá indicativos de que o conteúdo de uma obra literária é sempre indecifrável em sua totalidade e isso permite múltiplos olhares sobre o texto, fato este que se realiza numa leitura por diferentes ângulos. Ler *Jubiabá* (2005), portanto, significa mergulhar em um mar inesgotável de revelações, mas vale a pena atentar para as possíveis imagens divergentes e, ao mesmo tempo,



# AFLUENTE: REVISTA DE LETRAS E LINGUÍSTICA



enriquecedoras para o patrimônio literário baiano, em especial sobre o povo negro e a sua cultura e, por extensão, para a literatura brasileira.

## Referências

- AMADO, Jorge. *Jubiabá*. 62. ed. Rio de Janeiro: Record, 2005.
- ANDRADE, Celeste Pacheco. *Bahia, cidade-síntese da nação brasileira: uma leitura em Jorge Amado*. 1999. 270f. Tese (Doutorado em História Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.
- BHABHA, Homi. A questão do outro: diferença, discriminação e o discurso do colonialismo. In: HOLANDA, H. B (Org.). *Pós-modernismo e política*. 2. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.
- CUNHA, Eneida Leal. Jubiabá: leitura em duas vertentes. In: FRAGA, Myriam (Org.). *Bahia a cidade de Jorge Amado*. Salvador: FCJA/ Museu Carlos Costa Pinto, 2000.
- DUARTE, Eduardo de Assis. *Jorge Amado: romance em tempo de utopia*. Rio de Janeiro: Record; Natal: UFRN, 1996.
- \_\_\_\_\_. Jorge Amado: leitura e cidadania. In: FRAGA, Myriam (Org.). *Capitães da Areia*. II Curso Jorge Amado. Salvador: FCJA, 2004.
- PALAMARTCHUK, Ana Paula. Jorge Amado: um escritor de putas e vagabundos? In: CHALHOUB, Sidney; PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. (Orgs.). *A História contada*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. *O imaginário da cidade e visões literárias do urbano*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1999.
- ROSSI, Luís Gustavo. *As Cores da Revolução: a literatura de Jorge Amado nos anos 30*. 2004. 165 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- SALAH, Jacques. A cidade como personagem. . In: FRAGA, Myriam. (Org.). *Bahia a cidade de Jorge Amado*. Salvador: FCJA/ Museu Carlos Costa Pinto, 2000.

**Recebido em: 29 de janeiro de 2019.**

**Aprovado em: 23 de março de 2019.**